

RESENHA DO TEXTO “A ARTE”

Flávio Roberto Chaddad¹

DUARTE, R. *A arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 69p.

A escritura do texto pertence a Rodrigo Duarte. Ele é doutor em Filosofia pela Universität Gesamthochschule Kassel, Alemanha. É professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Publicou entre outros, *O belo autônomo – Textos Clássicos de Estética e Indústria Cultural: uma introdução*.

O texto que é curto e não é tão simples de se ler. Requer o conhecimento de alguns conceitos de filosofia ^[2] e de um pouco de conhecimento sobre história e história da filosofia. A obra está dividida em cinco partes. A primeira parte recebeu o título de “Suspeita e a valorização da arte e da beleza sensorial”; a segunda “Da beleza das coisas materiais à estética”; a terceira “Do prazer desinteressado ao fim da arte”; a quarta parte “Do fim da arte ao fim da história da arte” e, por fim, uma conclusão. Estas partes, vão trazer um esboço das concepções de arte pela história, desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade: nos remetendo a Platão, Aristóteles, Plotino, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger, Adorno, com um rápido comentário sobre o texto de Walter Benjamin “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” e, por fim, a Arthur Danto.

Na primeira parte “**Suspeita e a valorização da arte e da beleza sensorial**” ele descreve a relação entre Platão, Aristóteles, Plotino com a arte. Para Platão a arte era a imitação do

¹Engenheiro Agrônomo pela UNESP/Botucatu; Graduado em Ciências Biológicas (B/L) pela Universidade Paulista (UNIP/Bauru); graduado em Filosofia pela Universidade de Franca (Unifran/Franca); graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes/Santos); graduado em Pedagogia pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID/São Paulo); Graduado em História pela Universidade de Franca (Unifran/Franca); Especialista em Educação Ambiental pela UNESP/Botucatu; Especialista em Gestão da Educação Básica pela Universidade de Araraquara (UNIARA); Especialista em Gestão Ambiental pela Universidade de Araraquara (UNIARA); Especialista em Filosofia e Sociologia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Especialista em Supervisão Escolar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Especialista em Educação a Distância pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Mestre em Educação [Ensino Superior] Puc-Campinas; Mestre em Educação Escolar pela UNESP/Araraquara/SP.

²Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (2009), a filosofia se faz pela criação e a reflexão através de e por conceitos. Os conceitos são criados pelos filósofos e também se transformam. Através deles é que podemos refletir os problemas postos pela realidade concreta.

mundo das ideias, ou seja, dos arquétipos perfeitos. Portanto, neste ponto de vista, o artista, para Platão, seria, nas palavras de Duarte (2012, p.16): **um mentiroso**. Um imitador. Assim, Platão não encara a arte como real, como um caminho para a verdade. Para este filósofo este caminho seria dado pela lógica discursiva, pela dialética socrática ^[3]. Apesar de Platão, nas palavras de Duarte (2012), se referir a arte como um estímulo para o espírito, com vistas ao autocontrole, ele, Platão, pretende expulsar o poeta da cidade perfeita, pois acredita que a função da arte pode ser utilizada em detrimento a uma sociabilidade perfeita. Ou seja, aqui vemos o medo do impacto que a arte pode trazer ao sistema, uma ruptura com o ideal de uma sociedade que seja a réplica de um estado apolínio – racional - da existência:

É claro que esta seletividade encerra um tipo de censura em todas às formas possíveis de arte, não escapando dela nem mesmo a poesia clássica de Homero e Hesíodo. Este processo culmina em expulsar o poeta da cidade perfeita que a personagem Sócrates e seus amigos pretendem conceber no diálogo “A República”. Assim, apesar de reconhecer aqui que a profundidade da arte, também acredita que a potência da arte pode ser usada em detrimento a uma sociabilidade autêntica (DUARTE, 2012, p.16-17).

Para Aristóteles, o estagirita, por sua vez, a arte irá aparecer como fato consumado. Seu caráter imitativo – ao contrário de Platão, como se viu no parágrafo anterior - aparece para este filósofo como um comportamento positivo, nas palavras de Duarte (2012, p.17), naturalíssimo do ser humano; e que se manifesta em todas as produções artísticas: pintura, escultura, literatura e na música. Aristóteles irá considerar o caráter pedagógico e existencial que a arte possui, ao nos remeter à catarse ^[4]. Ele considera a arte também mais filosófica que a história. Além destes vieses sobre a arte na antiguidade clássica, o neoplatônico Plotino afirma que esta sensibilidade que a arte traz ao nosso aparelho sensorial só é válida para que busquemos uma beleza ideal, que depende de uma forma (ideia), de um arquétipo perfeito, sendo manifestação de uma áurea, uma luz, que é própria desta ideia e que neutraliza a sombra que é a realidade aparente, o nosso mundo – a imitação platônica. Como se observou, nos parágrafos anteriores, para Platão, este mundo, imperfeito, apenas seria uma imitação da verdadeira luz, do bem supremo, o mundo dos arquétipos perfeitos e o conhecimento deste se daria pela lógica discursiva que fora definida como a dialética socrática. Esta ideia de luz, de uma ideia incorpórea, assumiria em Santo Agostinho, conforme Duarte (2012, p.22), a identidade de Deus: “Ainda que Santo Agostinho afirme o poder de atração de muitas

³ A dialética socrática se difere da dialética marxiana. Enquanto que esta é dada pela superação por incorporação dos predicados postos e negados que através de uma síntese dá origem ao novo, a socrática apenas aponta a verdade, que está em um dos pólos (falso e verdadeiro) através da técnica da maiêutica.

^[4] Mesmo que purgação dos sentimentos.

coisas sensíveis, para ele nada se compara a luz divina da qual provém a beleza autêntica incomparavelmente superior às mais belas coisas materiais” (DUARTE, 2012, p.22).

Na segunda parte do texto “**Da beleza das coisas materiais à estética**”, esta ideia de Santo Agostinho sofre um duro revés em São Tomás de Aquino que irá afirmar que embora esta sensibilidade seja fruto do sumo bem – para Platão do mundo das ideias – percebe-se que as coisas materiais possuem uma áurea, irradiam luz, que vem de dentro delas. Segundo Duarte (2012, p.23): “essa posição parece ser a semente de uma concepção mais recente, a da beleza como atributo de coisas materiais muito particulares, que denominamos ainda hoje “obra de arte” (DUARTE, 2012, p.23). Esta posição de São Tomás de Aquino, conforme Duarte (2012), irá influenciar o Renascimento, pois conforme esta perspectiva há o desvelamento da beleza sensível das coisas, que foi apagado durante toda idade média – para a Igreja o sensível era sinal de baixeza, de pecado, deveria ser colocado do lado de fora da existência humana. Neste sentido, através deste movimento cultural irá ser descoberta a beleza sensível das coisas materiais. Mais que isso, a arte passa por um processo de autonomização e intelectualização progressivas, marcando um movimento de superação e separação da dependência da arte com da Igreja, do Estado e do poder econômico, pois é reconhecida com a sua especificidade. Mas, o belo – a estética – como termo, só foi cunhado no século XVIII, por Alexandre Baumgarten (1714-1762), se referindo a uma gnosiologia inferior, pois estava restrita as coisas meramente sensíveis – aqui, mais uma vez, estabelece-se o elo entre a concepção de arte provinda desde o mundo das ideias de Platão (DUARTE, 2012).

Na parte três “**Do prazer desinteressado ao fim da arte**”, o autor afirma ser o juízo estético cunhado por Kant subjetivo, pois se refere ao prazer que ocorre somente quando o sujeito aprecia interiormente a “obra”. Ele, Kant, vai atribuir várias características a este juízo estético, por ele denominado de juízo de gosto. Este juízo, o juízo de gosto, não explica os conceitos, pois parte do interior de cada sujeito – portanto, ele é um sentimento – um prazer desinteressado. Não é possível mensurar uma utilidade imediata. Nas palavras de Duarte (2012, p.29), impõem uma finalidade sem um fim. Por fim, Kant atribui ao juízo de gosto o senso comum, mais uma característica, a de que este tem a capacidade de reunir os juízos estéticos – de gosto – subjetivos, desinteressados, de todos os sujeitos, ocasionando, uma comunhão em torno do belo (DUARTE, 2012, p.30).

E essa característica do juízo de gosto irá se realizar mais plenamente na beleza das coisas naturais, nas palavras de Duarte (2012, p.30): “o que, segundo Kant, implica a sua superioridade sobre toda a bela arte, cuja atração não se dá por um juízo de gosto puro, mas misto, já

que nesse caso o desinteresse e, portanto, a finalidade sem fim não pode ser completa (DUARTE, 2012, p.30). Por sua vez, Hegel contradiz Kant, ele desvaloriza o natural. Para ele, Hegel, merece a designação de belo o objeto estético que já realizou a passagem pelo espírito, a produção humana em que há uma comunicação entre a sensibilidade e a razão. Hegel afirma ser a arte anterior ao espírito, o que garante a ela, conforme Duarte (2012), uma certa autonomia, independência dos fatores externos à sua criação e recepção (DUARTE, 2012, p.32). Ela só pode se instalar no espírito de forma provisória, daí, então, que deve ser superada por formas mais espiritualizadas, como a Religião e a Filosofia, que deverá ocorrer mais cedo e mais tarde. É o enfoque lógico do fim da arte!

No quarto tópico “Do fim da arte ao fim da história da arte”, o autor afirma que Hegel não percebeu o perigo da instrumentalização dos modos sociais, que com o passar do tempo penetrou até nos mais profundos meandros da subjetividade humana – a razão pervertida, conforme Adorno e Horkheimer (1999).

Nietzsche irá perceber este problema na sociedade mundial, vai criticar o homem “produzido” segundo os princípios da lógica formal ou, como queiram, das Regras da Metafísica [5], o que ele irá conceituar como o homem verídico, em seu texto “Vontade de Potência”. Segundo Duarte (2012, p.35), Nietzsche irá perceber esta entrada da lógica formal no seio da sociedade, transformando a tudo e a todos em uma sociedade tipicamente apolínea, domesticada, o que Adorno e Horkheimer irá denominar mais à frente de uma sociedade administrada – em que os seres humanos e a natureza são apenas meios para os fins irracionais do sistema.

Para ele, a tensão entre Apolo-Dionísio tipicamente grega foi deixada de lado, pela exacerbação do primeiro e houve a perda do espírito criativo, típico dionisiaco. Ao invés da vida humana ser uma obra de arte – nas palavras de Heidegger (2015), Dasein – se instrumentalizou.

De uma forma ou de outra, Nietzsche também decreta o fim da arte ou da vida como obra de arte, em suas análises filosóficas.

Esta análise de Nietzsche foi percebida por filósofos posteriores como o próprio Heidegger – que cunhou a Ontologia fundamental. Segundo este filósofo, nas palavras de Duarte (2012, p.36) “as pessoas vivem imersas em uma dimensão ôntica (relativa ao ente ou coisas). Elas apenas possuem um vislumbre, no plano ontológico, do “ser” propriamente dito” (DUARTE,

[5] As regras da metafísica são: A) Princípio da identidade; B) Não contradição; C) Terceiro Excluído.

2012, p.36). Não se pode dizer ou afirmar quem é o ser, só se tem uma ideia, o que reforça sua existência é o seu enraizamento no mundo. A função da arte para Heidegger era desvelar a verdade do ser, de um modo que é velado à linguagem discursiva lógica – ou seja, seria através da criação presente no espírito dionisíaco, como Nietzsche afirmava, ao contrário de Platão, que via nesse canal um perigo para a sociabilidade existente na cidade perfeita em “A República”.

Por outro lado, com a ascensão do espírito apolíneo e a instrumentalização de toda a sociedade – a razão instrumental - Heidegger irá temer um “esvaziamento” ontológico da arte, o que repercutirá na impossibilidade de desvelar este ser-aí. Neste sentido, a partir desta constatação, também caminha em direção – como Hegel e Nietzsche – ao final da arte. Mas, em meu ponto de vista, é em Nietzsche e Heidegger que reside a possibilidade deste desvelamento e este descortinamento do ser-aí, em busca de um enraizamento, de uma vida autêntica, através de uma linguagem poética e criadora – que habitaria este Ser, nele, através da poesia.

Assim, este debate diante da sociedade administrada durante o século vinte mobilizou outros filósofos e as suas análises oportunas quanto a função da obra de arte. Um destes filósofos foi Adorno, que conforme Duarte (2012, p.38): “afirmava que a criação ficaria comprometida à mercê da colonização de todas as representações e sentimentos por parte do sistema econômico, mesmo em uma situação de democracia formal” (DUARTE, 2012, p.38). Para Adorno, os produtos da indústria cultural são mais atrativos, mais baratos, mais fáceis de se compreender do que “a obra de arte”, o que mobiliza populações inteiras que vivenciam o produzido e não as alternativas postas pela experiência em torno da obra de arte. Segundo Duarte (2012, p.39) para Adorno:

A obra de arte é algo diametralmente oposto a indústria cultural. Enquanto aquela surge do impulso libertador formado na interioridade de um sujeito (digno do nome, no sentido de submisso), mediado pelo domínio técnico do seu métier artístico, o produto da indústria cultural é algo produzido sob medida para contemplar, de modo imediato e aprisionador, anseios não realizados das massas (e que, por definição nunca serão satisfeitos), garantindo o lucro de hoje dos seus agentes e, por extensão, o lucro de sempre de todo o sistema capitalista oligopolizado (DUARTE, 2012, p.39-40).

Além disso, a obra de arte guarda com a sociedade uma ligação, portanto, possui um caráter heteronômico. Ou seja, está relacionada diretamente a prática social. Estas características, por fim, a distinguem das mercadorias culturais, que são propaladas pela indústria cultural. Apesar das promessas de felicidade feita por uma obra de arte não poderem ser realizadas, na concepção de Adorno, elas têm e possuem um caráter subversivo

pois descortinam, nas palavras de Duarte (2012, p.41), *um mundo da miséria física e intelectual* (DUARTE, 2012, p.41).

Esta posição de Adorno é até meio anacrônica com a própria concepção de obra de arte que o pensador utilizava em suas críticas contra a indústria cultural, contra o processo de transformação da arte em mercadoria para uma sociedade de massas. Em que pese, a sua áurea, aquela luz tomista, que exalava da beleza sensível para Adorno era perdida pela reprodutibilidade técnica da obra de arte. Por sua vez, Walter Benjamin, em seu ensaio e/ou escrito “*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*”, irá afirmar a importância dos meios tecnológicos daquela época (fotografia e cinema) para o fim da arte burguesa quanto da estética que lhe serviu de fundamentação teórica. Esta estética que serviu de base para a arte burguesa, ao contrário do que pensava Adorno, não estaria livre ou imune de ser apropriada pelo fascismo, ao passo que as novas tecnologias - a reprodutibilidade técnica da obra de arte - *seriam indispensáveis para as exigências revolucionárias na política da arte* (DUARTE, 2012, p.42).

Na última parte do texto “**Conclusão**”, o autor chama a atenção para a relação que se estabelece entre estes dois pensadores (Adorno e Benjamin) com relação ao fim da arte no sentido hegeliano da palavra. Para Benjamin o final da arte tradicional passaria a ser caracterizada pelo advento das “novas tecnologias” as quais seriam o cinema e a fotografia, que causariam através reprodutibilidade técnica, uma democratização da arte. Esta, para Benjamin, seria utilizada com fins revolucionários. Por sua vez, para Adorno com a cultura de massas e com a instrumentalização da sociedade pela ascensão do espírito apolíneo – que se fundamentava nos princípios da lógica formal – a superação da arte se daria, nas palavras de Duarte (2012, p.41) *pelo termo: aufheben* (superar conservando), já que há uma sobrevivência da arte como consciência, por parte dos artistas, de que é necessário continuar, mesmo assim, Theodor Adorno salienta o poder da indústria cultural e dos Estados autoritários e totalitários como sistematizadores da massificação e da transformação da obra de arte em uma mercadoria e/ou projeto de poder (DUARTE, 2012).

Por fim, Arthur Danto ao apreciar uma exposição de Andy Warhol considerou a sua obra de arte uma revolução estética sem precedente, pois o caráter interno da obra arte – a que a definiu como tal – haveria desaparecido. Assim, ela, a obra de arte, só faria sentido em um tipo de comunidade que ele chamou de “mundo da arte”.

Anos após, com a revolução provocada pela pop art dos anos 60 e baseado no conceito de “fim da arte” de Hegel, afirmou que o fim da arte coincidiu com o fim da história da arte

pelo pluralismo estético que passou a existir. Aonde todos os estilos e modalidades de arte, nas palavras de Duarte (2012, p.48), convivem lado a lado, sem que algum deles possa ou deva ser considerado superior aos demais (DUARTE, 2012, p.48).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. O conceito de iluminismo. In: ADORNO, T. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

DUARTE, R. **A arte**. 1ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10 ed. São Paulo: Vozes, 2015.